



Christopher Small e práticas músico-pedagógicas: uma aproximação com a produção de subjetividades

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SUBÁREA: Educação musical

Rafael Menotti Mazini

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
rafamazini@yahoo.com.br

Vânia Beatriz Müller

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
vania.muller@udesc.br

Resumo. Esse texto faz parte da revisão bibliográfica realizada em uma pesquisa de mestrado em andamento que investiga performance musical conforme a concepção de Christopher Small, abordando-a da perspectiva da produção de subjetividades. Foram realizadas buscas nas bases de dados: Portal de periódicos da Capes, DOAJ e Sielo. A partir dos trabalhos encontrados trazemos reflexões sobre o conceito de *musicking* e sobre os aspectos vivencial e comunitário da música, apontando aproximações com o campo de estudos da produção de subjetividades. Consideramos que a concepção de música de Small pode ser identificada em diversos contextos de performance musical e que suas propostas evidenciam as relações sociais. Destacamos que a perspectiva da produção de subjetividades auxilia a compreender mais profundamente sobre as relações construídas na performance musical.

Palavras-chave. Christopher Small; educação musical; musicar; aspecto comunitário; aspecto vivencial.

Title. **Christopher Small and music pedagogical practices: an approach to the production of subjectivities**

Abstract. This text is part of the literature review conducted in an ongoing master's research that investigates musical performance according to Christopher Small's conception, addressing it from the perspective of subjectivity production. Searches were carried out in the following databases: Portal de periódicos da Capes, DOAJ, and SciELO. From the works found, we bring reflections on the concept of *musicking* and on the experiential and communal aspects of music, pointing out possible connections with the field of subjectivity production. We consider that Small's conception of music can be identified in various contexts of musical performance and that his proposals highlight social relations. We emphasize that the perspective of subjectivity production helps to understand more deeply the relationships built in musical performance.

Keywords. Christopher Small; Music education; Musicking; Experiential character; Community character.

Introdução

Esse texto faz parte de uma revisão bibliográfica realizada em uma pesquisa de mestrado em andamento que investiga a performance musical conforme a concepção do neozelandês Christopher Small (1927-2011). Nosso objetivo é propor aproximações entre a concepção de música de Small com o campo de estudos da produção de subjetividades. Para isso, identificamos pesquisas na área de educação musical que utilizam a concepção de música de Small e discutimos como essas pesquisas lidam com as ideias do autor. Nosso enfoque está na importância primeira que Small atribui às relações sociais estabelecidas durante o fazer musical, que abordaremos da perspectiva da produção de subjetividades.

Christopher Small, em seu livro *Música, sociedad, educación* (2003), argumenta que, na sociedade europeia após o surgimento da ciência moderna, os modos de se relacionar com a música nos ambientes de concerto tornaram-se passivos e distanciados dos processos de criação musical. Para ele, a concepção de música nessa cultura está diretamente ligada à obra musical e à execução técnico-musical. Segundo Small (1999, 2002, 2003), essa forma de se relacionar com a música resultou em um distanciamento entre a vida humana e a própria música, dando espaço apenas para a contemplação da obra musical:

Os músicos profissionais continuam tão alheios como sempre ao que tocam, o público (apesar de certas artimanhas dos compositores para simular a participação) permanece afastado do verdadeiro processo criativo, e a obra musical não deixou de ser um objeto de pura contemplação abstrata [...]. (Small, 2003, p. 171, tradução nossa)¹

Foi no contato com outras culturas, como de África negra e de Bali, que o autor pode observar outros modos de se relacionar com a música (Small, 1999, 2003). É a partir das análises de suas observações sobre essas culturas, que ele propõe uma concepção de música que esteja atrelada à natureza relacional e experiencial da música, o que Small (2003) denomina, respectivamente, de aspecto comunitário e aspecto vivencial da música. Como veremos adiante, o aspecto vivencial tem uma importância central na concepção de música de Small, a ponto de ele cunhar o termo *musicking*² (Small, 1998).

¹ *Los músicos profesionales siguen tan ajenos como siempre a lo que tocan, el público (a pesar de ciertas tretas de los compositores para simular la participación) permanece alejado del verdadero proceso creativo, y la obra musical no ha dejado de ser un objeto de pura contemplación abstracta [...].* (Small, 2003, p. 171)

² O termo *musicking*, originalmente concebido em inglês, foi traduzido para o espanhol pelo próprio Small (1999, 2002) como *musicar*. Nossos estudos têm mostrado que no Brasil adotou-se a mesma tradução, dessa forma, utilizaremos as duas possibilidades – *musicking* e *musicar* – para nos referir a esse conceito.

Para compreender as propostas de Small e entender suas implicações em diferentes contextos, estruturamos esse texto em três seções principais, além das considerações. Na primeira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nas buscas da revisão bibliográfica. Nas seções subsequentes, refletimos de maneira ensaística sobre os estudos encontrados, inicialmente abordando o conceito de *musicizing*, seguido pelos aspectos comunitário e vivencial da música. Em ambas as seções, indicamos aproximações entre a concepção de música de Small, apresentadas nos trabalhos, e a perspectiva da produção de subjetividades. Nas considerações, apontamos como a concepção de música de Small pode ser identificada em diversos contextos de performance musical e como eles evidenciam as relações sociais. Destacamos que a perspectiva da produção de subjetividades auxilia a entender mais profundamente sobre as relações construídas na performance musical.

Processo metodológico

Para a revisão bibliográfica foram realizadas buscas nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, DOAJ e SciELO para artigos, e a BDTD e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes para dissertações e teses. Os termos utilizados nas buscas foram: "educação musical", "ensino musical", "prática musical", "Christopher Small", "musicar", "performance musical", "comunitário", "aspecto comunitário", "vivencial", "aspecto vivencial" e "experiência artística". Utilizamos operadores booleanos para construir cinco estratégias de busca, conforme apresentado no (Quadro 1).

Quadro 1 – Estratégias de busca

"christopher small"	AND	"educação musical" OR "ensino musical" OR "prática musical"
musicar OR "performance musical"		
comunitário OR "aspecto comunitário"		
vivencial OR "aspecto vivencial"		
"experiência artística"		

Fonte: elaborados pelo autor e pela autora (2024).

Para a seleção dos trabalhos foram feitas duas etapas: na primeira realizamos a leitura dos títulos e resumos e, na segunda, a leitura das introduções e conclusões. Ao final das filtragens, selecionamos 13 trabalhos para leitura mais detalhada, buscando identificar como e onde essas pesquisas utilizaram os conceitos de Small. Nas próximas seções, refletimos a respeito dos trabalhos e ensaiamos uma aproximação entre a concepção de música de Small e o campo da produção de subjetividades.

O *musicking* em diferentes pesquisas

Uliana Dias Campos Ferlim (2020) parte das argumentações do livro *Musicking: the meanings of performing and listening* de Christopher Small (1998), para discorrer sobre o que é *musicking* e qual a sua potencialidade para a educação musical. Segundo ela, as práticas músico-pedagógicas só têm a ganhar ao levar em conta o musicar, pois, musicar pressupõe que tanto as pessoas presentes no momento da ação musical, como quem se envolve para tornar esse momento possível, estão musicando juntas (Small, 1998, 1999). Ferlim (2020) argumenta que para a educação musical, a potencialidade do musicar está em evidenciar a construção de relações, pois, durante um musicar diferentes relações sociais se estabelecem:

Ora, se musicar proporciona laços de conexão tão importantes entre aqueles que o praticam (e quantas formas diferentes há de praticá-lo!), com projeções e ideias de como poderiam ser as relações sociais, isto significa uma experiência relevante para de fato promovermos a educação em bases mais humanísticas. (Ferlim, 2020, p. 441-442)

Dessa forma, se o musicar concebe que o sentido de música está nas relações e não na produção sonora propriamente dita (Small, 1998, 1999), compreendemos que fazer música não é algo individual, mas sim coletivo que movimenta todo um grupo social. Nessa direção, Juliana Soares da Costa Silva (2018) investiga o musicar na Corporação Musical Operária da Lapa, grupo do Rio de Janeiro (RJ). Ela discorre sobre a dinâmica dos vínculos das pessoas desse grupo e aponta que suas raízes estão na formação social. Desse modo, não apenas as pessoas musicistas é que ‘musicavam’, mas todo o grupo social local (bairro da Lapa) de alguma maneira participava e se relacionava com as práticas musicais.

Outros autores como Brietzke, Oliveira e Presgrave (2022), não possuem o conceito musicar como cerne de pesquisa. Eles utilizam esse conceito como apoio teórico para compreender a docência musical enquanto uma expressão artística da existência do sujeito. Ao buscarem definições sobre performance, os autores recorrem à concepção de música como verbo, ação – *musicking* (Small, 1998) – propondo a ideia de performance com musicares, contemplando com isso as representações, as identidades, as existências, as relações e a ação.

Em Arruda e Gonçalves Junior (2022) encontramos o conceito de musicar de Small (1998) como um dos cinco conceitos-mapas³ teóricos em sua pesquisa sobre uma oficina de construção e ensino de pífano para crianças. Durante as oficinas, a importância estava no fazer musical ao invés da obra/objeto musical, desse modo, o conceito de musicar permitiu

³ Os cinco conceitos-mapas são: musicar, educação, educação musical humanizadora, pedagogia dialógica e lazer.

considerar que os processos de aprendizagem se deram tanto no mundo sonoro quanto nos vínculos e experiências extra-sonoro-musicais. Nas palavras de Arruda e Gonçalves Junior (2022, p. 136):

[...] os conceitos-mapa ajudam a retratar que o desenvolvimento da musicalidade são processos contínuos cujos caminhos não perpassam apenas as aulas de música ou aprendizado de instrumentos, mas outras experiências extra-sonoro-musicais e são fruto da convivência e vínculos entre pessoas. Musicar, educação, educação musical, pedagogia dialógica, humanização e lazer apresentam perspectivas para além da emissão e recepção sonora. Assim, as atividades e experiências que circundam o fazer sonoro-musical também merecem consideração.

Mesmo sem ter o foco no musicar, essas duas pesquisas também apontam para a importância de se atentar às relações que se estabelecem na ação musical. Já na tese de Ferlim (2023), podemos perceber mais explicitamente como a música pode proporcionar um meio para tecer relações sociais. A autora acompanha o grupo Música do Círculo (MdC) e percebe duas distinções de musicar: um objetivo e um subjetivo, que ela denomina respectivamente como musicar “DA MdC e musicar NA MdC”. O primeiro fala sobre os significados explícitos do grupo, que estão na proposta de juntar as pessoas e fazer música de maneira coletiva; o segundo são os sentidos que as pessoas produzem a partir da experiência durante o fazer musical. Segundo a autora:

Proponho a visualização do musicar na MdC a partir de duas formas: o musicar DA MdC, que são os significados mais visíveis, enunciados pelos líderes na sua proposta de congregar pessoas e música, e o musicar NA MdC, que é a produção de sentidos mais submersa, as apropriações que os indivíduos fazem e são mais recônditas, e que foram acessadas por meio das conversas, entrevistas e a vivência no campo. (Ferlim, 2023, p. 95, grifos da autora)

Compreendemos que durante uma prática musical, diferentes relações são forjadas e que, por mais que sejam relações coletivas, elas são acessadas e significadas de maneira singular. Ferlim (2023) sugere que o “musicar NA MdC” – que é o musicar subjetivo – pode ser observado durante e depois do fazer musical. A autora explica que as pessoas conduzem suas vozes, corpos e movimentos para musicar de forma coletiva e que no influxo de sons os sentidos e as relações vão se formando. Ela aponta que cada pessoa atribui os seus significados para a experiência musical, podendo levar a transformações positivas do sujeito quanto a sua compreensão sobre si e sobre os laços sociais.

O que queremos propor é que se olhe para as relações, as significações e os “sentidos mais submersos” dos sujeitos durante uma performance musical, à luz do campo de estudos

da produção de subjetividades. Guattari (2008) e Suely Rolnik (1996) explicam que a produção de subjetividades se dá no registro do social. Com isso em vista, levantamos algumas questões: que subjetividades podem ser engendradas por meio de laços sociais formados durante um musicar? Como é subjetivado, singularmente, fazer música de forma coletiva?

Uma pesquisa realizada por Moreira (2019) apresenta contribuições para refletir sobre essas questões. O autor acompanha dois grupos de práticas de improvisação livre, buscando compreender o que sustenta essas práticas musicais e para isso, foca a investigação nas interatividades que ocorrem durante a performance musical. Ao examinar os modos socioculturais, o autor percebe que ao incluir todas as relações que surgem na performance musical, os significados mais primários da música deixam de ser individuais e passam a ser sociais. Dessa forma, as relações interpessoais e sonoras que ocorrem durante a improvisação livre, constituem e influenciam os processos do fazer musical. Processos esses que, segundo Moreira (2019), estão firmados no aqui e agora, na interação e no compartilhamento da responsabilidade de assumir os riscos sobre aquilo que é imprevisível e inesperado: a qualidade do encontro de uma performance musical.

Essa observação vai ao encontro do que Vânia Beatriz Müller (2000) identificou em sua pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua que frequentaram a Escola Porto Alegre (EPA). A autora as acompanhou no ambiente escolar do dia a dia, fora dele e nas oficinas de *rap* que constituíam o grupo Sabedoria de Rua. Müller (2000) explica que as crianças e adolescentes que estão em situação de rua constroem uma ideia de tempo concebida no momento presente, do que é possível vivenciar aqui e agora. A autora discorre que para essas crianças e adolescentes o tempo medido pelo relógio não apresenta sentido, desse modo, o passado é percebido a partir dos vínculos pessoais que construíram ao longo do tempo e o futuro é simplesmente algo desconsiderado.

É interessante notar que momentos significativos para os alunos eram lembrados, muitas vezes, pelos vínculos pessoais que os ligavam aos fatos. Um exemplo disso ocorreu quando perguntei nas entrevistas "Quando tu chegaste na EPA?", e vários responderam "com quem" chegaram, sendo que não estavam seguros há quanto tempo estavam na EPA, tampouco em que ano chegaram. (Müller, 2000, p. 151)

A autora aponta que perante essa dinâmica de total instabilidade de vida, essas crianças e adolescentes desenvolveram a habilidade de improvisar, da qual se orgulhavam, era exercida de modo prazeroso durante o musicar que realizavam. Fosse em uma apresentação inesperada do grupo ou em improvisos coletivos de dança, o risco do erro, do julgamento e de

toda a imprevisibilidade era assumida de modo coletivo por essas crianças e adolescentes, pois, naquele momento, o que estava em ‘jogo’ eram as relações construídas durante o musicar.

Os aspectos vivencial e comunitário em diferentes pesquisas

De acordo com Small (1999, 2002, 2003), com o surgimento da sociedade ocidental moderna, o cientificismo e a técnica ganharam espaço em todos os campos, inclusive na música e na educação musical. O autor apresenta uma crítica a esse respeito, apontando que isso levou à separação entre teoria e prática, afastando as pessoas da experiência musical. Segundo Small (2003, p. 88, tradução nossa):

[...] a elevação do intelecto e a celebração da lógica abstrata, assim como a desvalorização da experiência vivencial [...] e dos outros processos psíquicos menos conscientes, são características que não só se revelam na própria natureza da música clássica ocidental, como também nas atitudes mais comumente compartilhadas em relação a ela.⁴

Uma dessas atitudes foi a organização dos saberes e dos modos de aprendizados em estruturas lineares, acumulativas e hierárquicas (Small, 1999, 2002, 2003). Em confronto com essa lógica científica sobre música, o autor propõe uma concepção que parte do que ele chamou de aspectos vivencial e comunitário da música. O aspecto vivencial se manifesta na ação musical, enquanto o aspecto comunitário se evidencia nas relações sociais da performance musical coletiva. Small (1999, 2002, 2003), argumenta que para compreender a qualidade de uma performance musical, não devemos olhar para a ‘qualidade’ técnico-teórico-musical, mas sim, para a qualidade das relações estabelecidas durante a performance.

Isso pode ser observado com Vânia Gizele Malagutti (2013). Ela identificou aprendizados musicais desenvolvidos de maneira não linear, em uma pesquisa com jovens de 10 a 18 anos que participaram de aulas de música de uma ONG na cidade de Maringá (PR). Os aprendizados foram desenvolvidos através de interações de diferentes contextos sociais como escola, grupo de colegas, família, religião e a própria ONG. Nas palavras de Malagutti (2013, p. 61):

⁴ *De hecho, la elevación del intelecto y la celebración de la lógica abstracta, así como la desvalorización de la experiencia vivencial (queremos saber, debemos descubrir, por más que nos cueste en experiencia) y de los otros procesos psíquicos menos conscientes, son rasgos que no sólo se revelan en la natura misma de la música clásica occidental, sino también en las actitudes más comúnmente compartidas hacia ella.* (Small, 2003, p. 88)

É possível identificar nos jovens participantes da oficina de música na ONG EDUCAR, que o aprendizado musical também não é retilíneo. A formação musical adquirida por meio da oficina, tendo o professor como condutor, soma-se as experiências musicais que eles vivenciam no cotidiano com a família, nas instituições religiosas, sozinhos, com os amigos em diferentes ambientes e na escola. Mais do que levar a formação musical adquirida na oficina para outros espaços, vários jovens realizam um intercâmbio, trazendo a formação que adquirem em outros espaços para a oficina.

Os processos não lineares de aprendizado musical identificados pela autora podem ser interpretados com a produção de subjetividades, pelo conceito de rizoma (Deleuze; Guattari, 2011). Este conceito compreende o pensamento de modo não hierárquico, destacando a multiplicidade de conexões. O desenvolvimento musical dos jovens pode ser visto como rizomático, pois as diferentes experiências musicais se conectam sem estabelecer juízos de valor entre elas, resultando em um ensino flexível que permite a cada indivíduo construir seu próprio processo de aprendizado (Cecília Cavalieri França, 2006; Gallo, 2008).

A pesquisa de Lucielle Farias Arantes (2011, 2014) também pode ser entendida com o rizoma. Ao investigar a Orquestra Jovem de Uberlândia (OJU) e tentar categorizar as práticas do grupo, a autora observa a coexistência de características explícitas de práticas de orquestras tradicionais e de práticas que diferem dessa cultura tradicional. Essa peculiaridade do grupo pode ser analisada, não apenas na noção de que experiências musicais de diferentes naturezas se conectam e se transformam, mas também na possibilidade de cortes nos modelos hierárquicos e, a partir dos cortes, produzir rizoma (Deleuze; Guattari, 2011). Ou seja, o rizoma possibilita romper as hierarquizações das práticas musicais que já partem de modelos hierárquicos.

Nesse contexto, Arantes (2011, 2014) explica que para entender a complexidade das práticas desenvolvidas na orquestra, foi necessário focar sua pesquisa no que Small (2003) propõe como o mais importante em uma prática musical: as relações sociais criadas e os significados gerados na experiência do fazer música.

Para Small (1999, 2002, 2003), a própria configuração dos espaços físicos onde ocorrem as performances musicais apresenta noções sobre as relações humanas que ali são bem-vistas e/ou incentivadas. Para ele, durante a performance musical estamos celebrando aquilo que somos, acreditamos e cultivamos como valores. Também nos conectamos com aquilo que queremos ser, algo que almejamos como ideal para nós, enquanto sujeitos individuais e sociais – o que o autor denomina como “*sociedades potenciais*”.

É o que Müller (2000) também observou em sua pesquisa com estudantes da Escola Porto Alegre que viviam em situação de rua. Ela identificou como a música contribuiu para a

construção das identidades desses sujeitos em três características: a frustração da privação da infância, os estigmas sofridos por pessoas em situação de rua e a necessidade de pertencimento a um grupo. Em relação à primeira característica, a pesquisadora explica que durante o musicar os estudantes experienciavam de forma lúdica diferentes papéis sociais, desempenhando funções como regente de grupo, passista de escola de samba e Pai de santo. As práticas musicais permitiram a esses jovens, privados da infância, a sentirem-se como crianças, pois ao fazer música era como se estivessem brincando de atuar e tocar instrumentos.

Na segunda característica, que são os estigmas sofridos por pessoas em situação de rua, Müller (2000) traz falas de entrevistas e descrições de situações em que essas crianças eram taxadas de vagabundos e bandidos, simplesmente por estarem em situação de rua. O estudo aponta que o envolvimento com a música possibilitou que essas crianças se colocassem no mundo e que fossem percebidas de maneira positiva, fora do estigma, como sujeitos que têm saberes e que produzem música.

Sobre a necessidade de pertencimento a um grupo, a autora discorre que as pessoas em situação de rua lidam com duas forças conflitantes: de um lado a necessidade de estar/pertencer a um grupo; por outro, a de não querer ser identificado como alguém “de rua”. Essa pesquisa evidenciou que a música surge como uma possibilidade de diferenciação, permitindo que as crianças e jovens que participaram das performances musicais se vejam como sujeitos capazes de fazer música e pertencentes a um coletivo que faz música.

As histórias de vida dessas crianças e adolescentes condicionaram negativamente essas três características de construção de identidades. No entanto, a autora identificou que a performance musical oportuniza experimentar outros modos de existência para esses sujeitos. Nas palavras de Müller (2000, p. 124):

[...] tinha relevância a performance musical para as crianças e adolescentes que observei e com as quais convivi, por constituir-se em um momento em que tinham possibilidade de conectar com o que havia de melhor em si mesmos, apesar da privação da infância e do estigma; e também, tinham a possibilidade de conectar com um ‘alto padrão’ (Small, 1998, 2003) de relações que subvertia a ordem das relações estabelecidas na necessidade e submissão ao grupo.

Segundo Guattari (2008, p. 19), a subjetividade pode ser definida como um “território existencial autorreferencial”. Dessa maneira, reinterpretando as observações de Müller (2000), as condições sociais em que aquelas crianças e adolescentes se encontravam produziu subjetividades negativadas sobre si mesmas – um território existencial

autorreferencial negativado. Por meio da *performance musical*, em seus aspectos comunitário e vivencial, esses sujeitos engendraram o que Deleuze e Guattari (2008, 2011) conceituam como linhas de fuga, possibilitando produção de subjetividades positivas.

O mesmo pode ser pensado a partir da pesquisa de Arantes (2011, 2014). A autora destaca que a condução do maestro da Orquestra Jovem de Uberlândia buscava incentivar a experiência artística, oportunizando com isso tempo-espço para a inventividade musical e possibilidades de linhas de fuga. Arantes (2014, p. 13) aponta que:

Em caráter vivencial e comunitário do fazer musical, os jovens da OJU experienciavam práticas que iam constituindo seu universo de referências musicais, de relacionamentos humanos e configurando-se como espaço de desenvolvimento de potencialidades.

Segundo Arantes (2014), a construção das relações humanas dos jovens desse grupo parece representar uma importância que não está atrelada às habilidades musicais, mas sim à constituição de identidade enquanto jovens pertencentes a um coletivo.

O sentimento de pertencimento também foi observado na pesquisa de Daniela Weingärtner (2018). Ela investigou os significados das práticas musicais em uma igreja luterana em Blumenau (SC). Ela aponta como o musicar contribui para a construção de um *ethos* comunitário para as pessoas daquela igreja e que as relações estabelecidas nas práticas musicais foram prolongadas para outros ambientes fora da igreja (Weingärtner, 2018; Weingärtner; Müller, 2019). A autora identificou uma grande variação de categorias sociais para os sentidos que as pessoas atribuíam aos fazeres musicais da igreja.

Fazer música na Comunidade da Velha Central se refere a várias categorias sociais. A música, em especial quando feita no culto, é *performance*, é religião, é pretexto para o encontro, é pertencimento, é empoderamento, é aprendizado musical, é fruição, é construção de uma perspectiva estética, é compartilhar, é lazer, é trabalho, é compromisso, é uma válvula de escape e tantas outras coisas. (Weingärtner, 2018, p. 120)

Desse modo, a experiência musical nessa comunidade transcende a execução sonora-musical e apresenta sentidos sobre o que as pessoas pensam, fazem, sonham, buscam, querem e/ou precisam ao fazer música. O que Weingärtner (2018) aponta em sua pesquisa quanto à experiência musical e os sentidos na vida social, traz caminhos para refletir sobre a produção de subjetividades dos sujeitos durante as práticas musicais. Por exemplo, seguindo pelos conceitos do campo da produção de subjetividades, é viável interpretar que a música na

Comunidade da Velha Central atua para novos devires nos sujeitos⁵ (Deleuze; Guattari, 2008, 2011; Guattari; Rolnik, 1996).

Weingärtner (2018) destaca que o sentimento de pertencimento tem notável importância para essa comunidade, sendo possível perceber como a noção de grupo permeia todas as práticas musicais da igreja (Weingärtner, 2018; Weingärtner; Müller, 2021). Em sua pesquisa, a autora considera que é de extrema importância que o ensino musical tenha como foco o desenvolvimento humano, fortalecendo as relações sociais e afetivas. Ela aponta que olhar e discutir o musicar e os aspectos vivencial e comunitário da música é ponto fundamental para o campo da educação musical.

Considerações

As pesquisas aqui mencionadas favorecem a ampliação e aprofundamento de nossa compreensão da concepção de música de Christopher Small. É profícuo observar, desta perspectiva, distintos contextos de performance musical, como escolar, religioso, de oficinas e apresentações. Estudos como os de Ferlim (2023), Moreira (2019), Müller (2000), Arantes (2011, 2014) e Weingärtner (2018), identificam que o *musicizing*, os aspectos vivencial e comunitário da música, possibilitam evidenciar os vínculos, as identidades e os significados pessoais e/ou coletivos forjados na prática musical. Dessa maneira, consideramos que a performance musical concebida a partir disso, indica direções para as investigações na dissertação que está em andamento, onde busca compreender como as subjetividades são engendradas durante o fazer musical coletivo.

Os trabalhos de Arruda, Gonçalves Junior (2022) e de Malagutti (2013) apontam como as relações de diferentes naturezas são percebidas na performance musical e como elas atuam enquanto multiplicidade de caminhos para um aprendizado não linear. Entendemos que as práticas músico-pedagógicas vão além da execução técnico-musical e configuram-se enquanto um acontecimento social e experiencial.

Consideramos que as pesquisas encontradas contribuem para propormos aproximações entre a concepção de música de Small com o campo da produção de subjetividades. Temática que levaremos adiante na pesquisa de mestrado, uma vez que os

⁵ Sobre performance musical enquanto atuação para novos devires, recomendamos a leitura da dissertação O que pode a experiência da performance musical? de Karine Larissa Ströher (2019). Apontamos, que embora seu trabalho seja precursor no estudo da produção de subjetividades na área da educação musical, ele não é abordado diretamente neste texto devido ao foco temático específico que escolhemos para a comunicação neste congresso.

conceitos mencionados nesse texto como rizoma, linhas de fuga e devir, apresentam-se frutíferos para serem aprofundados. Dessa forma, poderemos compreender com mais propriedade como as experiências musicais moldam a produção de subjetividades e, por decorrência, o grau de responsabilidade de quem promove uma performance musical.

Referências

ARANTES, Lucielle Farias. Ensino e aprendizagem musicais: uma experiência “vivencial” e “comunitária” na Orquestra Jovem de Uberlândia. *Olhares e Trilhas*, [s. l.], p. 1–15, 2014.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/22373>. Acesso em: 08 ago. 2024.

ARANTES, Lucielle Farias. “*Tem gente ali que estuda música para a vida*”: um estudo de caso sobre jovens que musicam no projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia. 2011.

Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12284>. Acesso em: 08 ago. 2024.

ARRUDA, Murilo Ferreira Velho de; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Construindo pífanos: processos educativos emergentes da musicalização no contexto de um projeto de lazer.

Revista da Tulha, [s. l.], v. 8, p. 111–142, 2022. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/197780>. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRIETZKE, Marta; OLIVEIRA, Mário; PRESGRAVE, Fabio. Performances com musicares enquanto performances de existência. *Orfeu*, [s. l.], v. 7, n. 2, 2022. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/22045>. Acesso em: 08 ago. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 2. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

FERLIM, Uliana Dias Campos. *Improvisação e padrões que conectam: uma etnografia do musicar na Música Círculo e suas implicações para a educação musical*. 2023. Tese

(Doutorado em Música) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/items/32a0f6bc-899b-4df0-9438-a6ff0295afc1>. Acesso em: 08 ago. 2024.

FERLIM, Uliana Dias Campos. Os “*musicings*”, por Small, e questões para a Educação Musical. *Olhares & Trilhas*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 433–445, 2020. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/57800>. Acesso em: 08 ago. 2024.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 14, n. 15, p. 67–79, 2006. Disponível em:

<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/303>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MALAGUTTI, Vânia Gizele. *O jovem e a aula de música: uma vivência para além da organização não governamental*. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2016/disciplinas_dissertacoes/dissertacao_vania_gizele_malagutti.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

MOREIRA, Cássio Antônio. *Improvisação Livre: um estudo etnográfico sobre a música que não se repete*. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1096892>. Acesso em: 08 ago. 2024.

MÜLLER, Vânia Beatriz. *“A música é, bem dizê, a vida da gente”*: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua. 2000. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SILVA, Juliana Soares da Costa. *Práticas musicais, comunidade, localidade e velhice: um estudo etnográfico sobre a corporação musical operária da Lapa*. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634240>. Acesso em: 08 ago. 2024.

SMALL, Christopher. El musicar i el multiculturalisme. In: INSTITUT DE CIÈNCIES DE L'EDUCACIÓ. UNIVERSITAT DE BARCELONA (org.). *Actes de les IV Jornades de música*. Barcelona: [s. n.], 2002. p. 8–28. Disponível em: https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/204660/1/4Musica04_Text.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

SMALL, Christopher. El Musicar: un ritual en el espacio social. *Revista transcultural de música*, [s. l.], 1999. Disponível em: <https://www.sibetrans.com/trans/article/252/el-musicar-un-ritual-en-el-espacio-social>. Acesso em: 08 ago. 2024.

SMALL, Christopher. *Música sociedad educación*. Madrid: Alianza Música, 2003.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Hanover, NH: University Press of New England, 1998.

STRÖHER, Karine Larissa. *O que pode a experiência da performance musical?*. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000076/000076f3.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

WEINGÄRTNER, Daniela. *Os sentidos das práticas musicais na comunidade da velha*



ANPPOM
Associação Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Música

central, em Blumenau. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000050/00005051.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

WEINGÄRTNER, Daniela; MÜLLER, Vânia Beatriz. Coeducação Musical e os “Encontros de Flauta Doce” – Um olhar para o musicar da Igreja do Caminho. *Revista Vórtex*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1–17, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2669>. Acesso em: 08 ago. 2024.

WEINGÄRTNER, Daniela; MÜLLER, Vânia Beatriz. O musicar e a noção de comunidade na Igreja do Caminho. In: MÜLLER, Vânia Beatriz (org.). *No musicAR: gênero, racialização, produção de subjetividades e educação musical*. 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2021. p. 112–131.

XXXIV
CONGRESSO DA
ANPPOM

MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA:
SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024